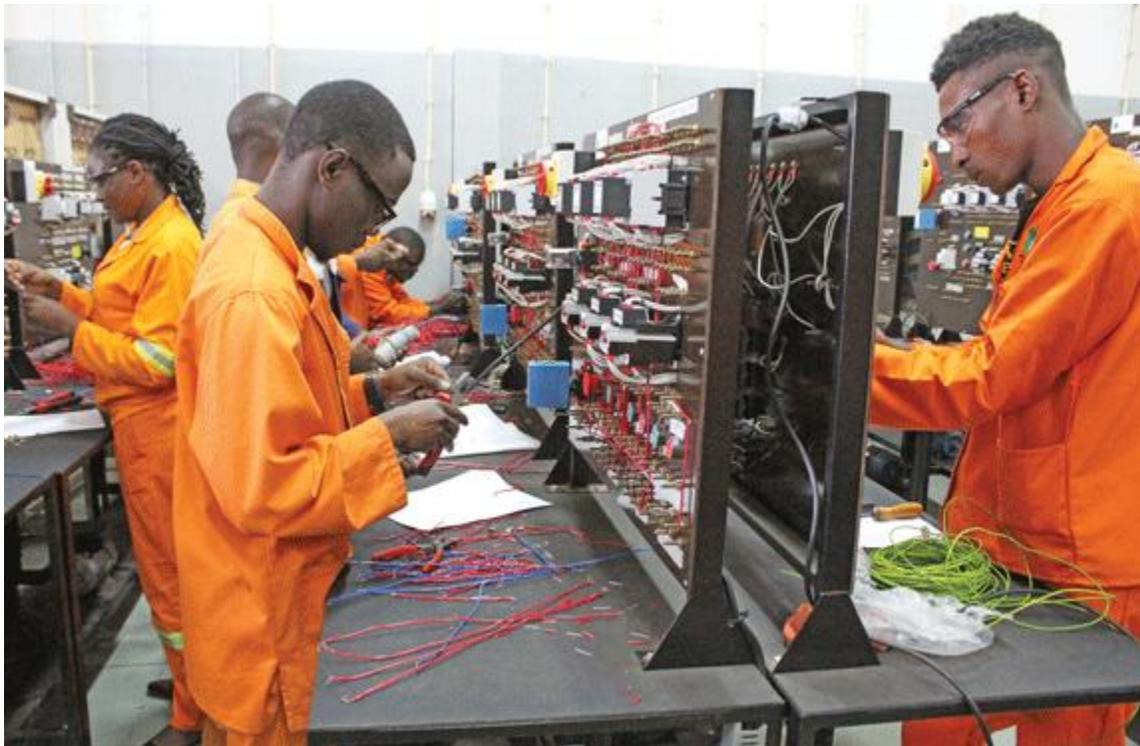


PROGRAMA MUVA: Um meio de inserção da mulher jovem no trabalho

11 Novembro 2016



QUANDO algumas jovens eram seleccionadas para fazer o curso de hotelaria muitas iniciavam, mas não terminavam a formação. Eram desencorajadas a prosseguir pela família porque o ramo implica trabalhos em turnos que incluem noites.

Parte destas jovens abandonavam os seus sonhos e seguiam aquilo que a família achava ser o melhor para elas. Outras limitavam-se a fazer trabalhos domésticos sem remuneração ou actividades remuneradas contra todas as suas aspirações e planos de vida.

Esta realidade foi narrada por Cristésia Nhavoto, facilitadora de formação humana no âmbito de um programa denominado Muva, lançado recentemente em Maputo.

Financiado pelo Governo britânico e gerido pela Oxford Policy Management, o programa visa empoderar economicamente as mulheres garantindo-as habilidades humanas e profissionais para a sua inserção no trabalho.

Janet Duffield, coordenadora da iniciativa, fez saber que evidências globais e nacionais mostram que as mulheres jovens enfrentam muitas barreiras para ganhar um rendimento decente e digno. Explicou que, seja no acesso ao auto-emprego ou ao emprego do sector formal, as mulheres encaram muitos desafios relacionados com normas sociais e auto-estima que afectam a sua capacidade de explorar e desenvolver o seu potencial social e económico.

Com a duração de 5 anos, a iniciativa está a ser implementada por associações locais. Abrange mulheres jovens desfavorecidas, em princípio, dos 15 aos 29 anos, vivendo em zonas urbanas onde existem oportunidades de emprego e serviços, aos quais, no entanto, as raparigas e mulheres jovens têm pouco acesso. Apoia também jovens do sexo masculino em situação de vulnerabilidade.

A fonte revelou que o programa inclui as áreas de educação e inclusão no mercado de trabalho; competências para o trabalho; formação profissional e habilidades para a vida; tecnologia de informática; sector privado e empreendedorismo.

“Achamos que podemos melhorar a formação antes de se entrar no treinamento profissional. Muitas das vezes eles (jovens) entram numa área que gostam ou que tenham vocação. A ideia é dar uma preparação melhor com habilidades humanas (saber estar e ser), capacitar para auto-estima e auto-confiança para quando enfrentarem barreiras saberem como responder e não recuar”, explicou Janet.

ATTITUDE E INOVAÇÃO NO TRABALHO



PELO menos 1200 jovens beneficiarão do programa em três ciclos de formação. Já foram seleccionados, para o primeiro ciclo, 200 jovens da cidade de Maputo e 100 da Beira que iniciarão a formação na próxima semana.

Manuel Gungulo, coordenador da formação humana da UPA (associação moçambicana vocacionada à formação e inserção social), um dos parceiros da iniciativa, explicou que o programa “MUVA Atitude” é resultado de experiências de inserção de jovens no mercado de trabalho, que permitiram verificar que as meninas têm mais dificuldades em se enquadrar devido à atitude que tomam quando pretendem emprego e mesmo depois de consegui-lo.

“No ano passado fizemos um estudo no qual envolvemos diversos sectores. Questionamos aos empresários quais eram as maiores dificuldades que tinham em inserir jovens e principalmente as raparigas no trabalho. Disseram que há diversas questões, mais do que as técnicas. As questões de atitude, por exemplo, a postura curvada da mulher, a proactividade e o saber inovar. É disto que gostavam de ver em jovens, mas que não conseguem porque há problemas”, observou.

Reconhecendo este problema, segundo a fonte, diversos parceiros conceberam o projecto MUVA que visa, acima de tudo, garantir as competências humanas para que os jovens sejam mais empregáveis.

“O modo de empregabilidade traz mais conceitos sobre a realidade do mercado de trabalho, que atitudes os empreendedores mais valorizam no trabalho, como podem melhor se preparar para uma entrevista de emprego e como se comportar perante um empregador”, frisou.

FUNCIONAMENTO

PARA participar, os jovens inscreveram-se nas associações parceiras da iniciativa nos bairros de Aeroporto, Chamanculo, Polana-Caniço e Inhagóia, em Maputo, Munhava e Chipangara, na Beira.

Cerca de 2000 jovens mostraram vontade de fazer parte em Maputo, um pouco mais de mil na Beira. Contudo, apenas 200 (Maputo) e 100 (Beira) foram seleccionados para o primeiro ciclo de formação. Outros aguardam na lista de espera.

Foram seleccionados jovens que, para além da sua condição de vulnerabilidade, mostraram-se motivados em seguir todas as etapas da formação (cerca de nove meses incluindo o estágio).

A fonte precisou que a primeira formação dura dois meses. É focada em normas sociais, pois, trás questões que buscam desconstruir os estereótipos de género.

Segue o módulo de orientação profissional. É através deste que se ajuda o jovem a definir o percurso profissional que pretende seguir. No fim desta etapa, com duração de dois meses, senta-se com cada jovem (dia da orientação profissional) e ajuda-se a escolher melhor o curso que pretende tendo em conta a sua personalidade.

Escolhido o percurso profissional, os jovens que revelarem dificuldades técnicas são orientados para a formação profissional. Contudo, os que já têm algumas habilidades e competências para o trabalho são integrados no mercado de trabalho.

A organização financia a formação profissional até 90 por cento para rapazes e 95% para raparigas. Porém, segundo Manuel Gungulo, foi definido que o jovem deve participar com o máximo de 500 meticais, tendo em conta que há cursos caros que se exige a participação em 10 ou 5 por cento. O valor pode estar acima das capacidades de pagamento para muitos jovens.

A fonte explicou que a organização definiu três modelos de formação. O clássico, em que o jovem fica três meses nas formações teórica e prática no centro de formação, depois faz três meses de estágio. Existe também o modelo de alternância que consiste em criar condições para que os jovens façam a formação teórica enquanto interagem directamente com a empresa. O terceiro é a formação em aprendizagem que está mais direccionada a jovens com baixo nível de escolaridade, isto é, abaixo do mínimo exigido nos centros de formação. Serve igualmente para jovens que têm dificuldades em se deslocar para centros de formação por falta de transporte ou porque têm bebé por cuidar.

“Fizemos o mapeamento de empreendedores locais nas comunidades que já estabelecem negócio no sector informal com conhecimento sobre uma determinada área, pode ser carpintaria, corte e costura. Damos formação e informação inicial pedagógica para que eles possam transmitir esse conhecimento aos outros. Este modelo é mais vocacionado para o auto-emprego e leva seis meses”, destacou.

ULTRAPASSAR BARREIRAS



LEIA Vilanculos, técnica de formação humana, olha para o programa como uma oportunidade que as raparigas têm para mudar a sua postura na sociedade.

Explicou que a maioria das jovens tem vontade de singrar no trabalho mas, muitas das vezes, não consegue seguir os seus projectos por influência de familiares.

“Acredito que, com o “MUVA Atitude”, elas serão instruídas a saber identificar a sua personalidade, os seus valores e aquilo que são as suas perspectivas para o trabalho. Elas vão sair de certas imposições colocadas, muita das vezes, pela sociedade”, apontou.

Indicou como exemplos as barreiras que enfrentam quando escolhem uma determinada profissão, cuja família ou sociedade acha que não é adequada para ela “só por ser mulher”, o que limita a ter um trabalho digno e remunerado.

“Há vezes que a mulher é limitada e não pode ter um trabalho remunerado. Tem de se dedicar apenas ao lar e à família, algo que talvez não seja de sua vontade. Vamos ajudar a ela a decidir por si e a conseguir se defender perante a família e a sociedade, o lugar que ela quer ocupar na casa”, acrescentou.

Para Cristésia Nhavoto, é envolvendo a família na formação dos participantes que acredita que o projecto vai vincar na sociedade.

Nhavoto explicou que a equipa de formação vai se deslocar às famílias dos participantes para fazê-las perceber a importância de se deixar a mulher escolher o seu percurso profissional para o bem-estar da família e da sociedade.

“O que pretendemos é formar ao longo de três ciclos 1200 meninas para ver na primeira fase se funciona ou não, porque é um projecto novo. Se funcionar, a iniciativa pode ser implementada em outras associações”, garantiu a coordenadora Janet Duffield.

GESTÃO DE CALAMIDADES: MAPUTO ACOLHE FEIRA NACIONAL DE GÉNERO



REALIZA-SE hoje, em Maputo, a I Feira Nacional sobre Género e Resiliência na Acção Humanitária em Moçambique.

Organizado pela Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres (ONU-Mulher), em parceria com o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), o evento tem em vista a partilha do plano estratégico de género do INGC (“INGC a Caminho das Mudanças nas Relações de Género”).

O instrumento tem como objectivo reforçar a capacidade do INGC no processo de integração de género na redução de risco de desastres e adaptação às mudanças climáticas em Moçambique, tendo em vista a importância da participação activa e plena de homens e mulheres na busca de solução sustentável ou abordagem à acção humanitária.

Um comunicado da ONU-Mulher aponta que as mudanças climáticas em curso, em todo o mundo, poderão dentro de décadas superar todos os outros factores que ameaçam o alívio da pobreza, saúde e crescimento socioeconómico sustentável em Moçambique, que se podem fazer sentir na maioria dos casos através do registo frequente de desastres naturais.

“Os desastres naturais não podem ser mitigados sem o entendimento real de como esses riscos afectam homens e mulheres. Cultura e socialmente, os homens e mulheres possuem papéis diferentes na sociedade, fazendo com que os riscos e impactos dos desastres não sejam considerados iguais”, considera.

Além disso, avança a ONU-Mulher, a vulnerabilidade de mulheres e raparigas a longo prazo vai se agudizando devido às fracas condições socioeconómicas, tais como baixa alfabetização, baixo acesso e controlo de recursos, dificuldades no acesso à informação, altas taxas de HIV/SIDA e violência.

“Isto coloca-nas numa situação particularmente sensível às mudanças de pequena e média escala. A sua dependência da agricultura para a sobrevivência tornaram-nas, particularmente, expostas à mutabilidade e às mudanças climáticas”, sublinhou.

Participam na feira representantes da coordenadora do Sistema ONU em Moçambique, instituições do Estado, sector privado, Comité de Gestão de Desastres Locais, entre outros.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/61940-programa-muva-um-meio-de-insercao-da-mulher-jovem-no-trabalho.html>